

[TT01031]

Na China pode

Miguel Oniga

"Texto pertencente ao acervo de peças teatrais da biblioteca da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), digitalizado para fins de preservação por meio do projeto Biblioteca Digital de Peças Teatrais (BDteatro). Este projeto é financiado pela FAPEMIG (Convênio EDT-1870/02) e pela UFU. Para a montagem cênica, é necessário a autorização dos autores, através da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais - SBAT"

Na China pode

NA CHINA PODE

Peça de Miguel Oniga

Personagens:

Nestor

Cristina

Rafael

A peça Na China Pode de Miguel Oniga reúne três solitários vizinhos da Rua Prado Júnior no apartamento de Nestor, funcionário da Caixa, que conhece Rafael, empregado de uma funerária e Cristina, analista de sistemas. Através destes personagens entramos no universo de Copacabana com seus maltratos e cicatrizes, remendos e destroços existenciais expostos à cirurgia de nossa escuta. O autor acredita na sobrevivência de uma nudez não dita, mas a rigor sublinhada. A nudez da alma, a esperança de quem-sabe-quem um dia veja o mar. Esta liberdade azul é entrevista na imaginação dos personagens que tentam tirar as máscaras duras e pesadas ao tentarem se revelar, não importa a forma e criar um elo.

Dentro de uma linguagem irônica, o autor não nos ajuda a cercar a dor e a solidão presentes nas entrelinhas. Ele prefere induzir e pensar na sordidez, no aparentemente óbvio, na insensatez e no desespero dentro de um lugar onde tudo pode: A China é o imaginário ideal para o escondido dentro deste anonimato, sem espaço nem oxigênio, sem poder de decisão sobre suas trajetórias; lugar onde somente no gozo do momento se revelam vidas inseguras e desarmadas, tão próximas de nosso cotidiano e ao mesmo tempo, imperceptíveis aos olhos urbanos.

Fernanda Villas Bôas

Na China pode

Empregado da Caixa mora na Prado Júnior e à noite usa um robe chinês.

Seus dois vizinhos, Rafael e Cristina, um do ap. de cada lado, não se entendem com suas próprias situações e acabam se encontrando com ele e criando uma situação nova.

Uma situação impossível.

Nestor Carneiro chega em casa todo dia e faz a mesma coisa. Deixa a pasta no lugar, deixa a pasta no lugar e deixa a pasta no lugar. Despe o uniforme da Caixa, entra no banheiro e sai com o robe chinês vermelho, os olhos maquiados, a trança no cabelo. Senta-se na almofada correspondente. Acende um palito de incenso. Fecha os olhos, junta as pontas dos dedos e dispara a fantasia.

Cristina entra no apartamento. Parece procurar Nestor e não o vê embora ele esteja lá. Só quando Nestor abre os olhos é que Cristina o vê.

Cristina - Nestor, você estava aí? E eu te procurando esse tempo todo e não te vi. Que é que você está fazendo aí? Está meditando.

Nestor - Sim, estou meditando e procurando uma solução para todos os problemas do mundo. Por isso estou meditando.

Cristina - É uma sábia decisão sua, mas eu não tenho nada com isso. Se for preciso fazer alguma coisa pode me chamar a qualquer hora. Mas se é para ficar pensando, não pode contar comigo.

Nestor - Cristina, assim você se comporta de maneira muito estereotipada e ninguém vai acreditar nisso. Porque você não procura se comportar de forma mais natural e espera acontecer alguma coisa em vez de ficar procurando tanto?

Cristina - Acontecer sozinho? E eu é que vou ficar acreditando nisso? Não senhor, eu não. Eu sei muito bem o meu papel nessa terra. E é tudo papel passado, senão vale nada.

Nestor - Aí você tem saber, menina, aí você tem saber. Isso é verdade. Sente-se aqui se quiser e tome uma xícara de chá comigo.

Cristina aceita e se senta noutra almofada. Nestor serve o chá em duas pequenas xícaras laqueadas de uma pequena garrafa ocidental bege.

Rafael entra.

Nestor - Chegou em tempo para a cerimonia do chá, filho. Sente-se.

Rafael senta-se na outra almofada.

Nestor serve-lhe o chá.

Os três bebem por algum tempo em silêncio.

Rafael - Minha tia ligou hoje do interior. A irmã dela não está passando nada bem. Talvez eu tenha que ir para lá resolver essa situação. O chato que o pessoal da família sempre acha que pode ter as coisas quase de graça.

Cristina - Como é que foi o movimento lá na funerária hoje?

Na China pode

Rafael - Legal. Você é que nunca mais apareceu lá.

Cristina - Eu, heim? Nem morta! Isso é emprego de gente?

Rafael - É o mais que existe...

Cristina - Ah, eu não acho não.

Nestor - Minhas crianças: eu estou me despedindo deste mundo e quero que vocês saibam tudo o que eu aprendi em vinte e dois anos de serviço à caixa econômica federal. Dois e dois são quatro e todo o resto é mamata. Comprando na rua não sai mais barato porque é muito pior. Amor a gente encontra bem cedo de manhã. Se um sujeito viajar ao redor da terra ele tem a impressão de estar parado, e isso acontece todo dia. O 433 é um bom ônibus mas não em todas as situações. Às vezes a pessoa que pede um cigarro não quer realmente fumar. A gente esquece sempre a coisa mais importante. Jogo de palitinho no balcão de bar é o lucro do cervejeiro. Que haja chuva enquanto houver esgoto. Nem sempre o primeiro a ouvir a música é o que sabe passar adiante.

Cristina - O que não é o seu caso. Você lançou aí um verdadeiro fluxo de palavras. Uma verdadeira torrente.

Nestor - Também não foi tanto assim. Isso é só pra dar uma idéia do tipo de material que acaba acumulando. Você passa um ano, ou seis meses nesse planeta, e junta um estoque inacreditável. A maioria das pessoas não faz nada com isso, então acaba passando através delas e não acontece nada pra gente. Como só o que a gente vive acontece pra gente não dá pra passar procuração. Hoje o Joaquim ali do IL Mano me serviu um café expresso numa lata vazia de leite condensado. Disse que material pesado hoje em dia é que é descartável. Se um navio afundar sozinho ele vai pro fundo do mar e não incomoda ninguém.

Rafael - Por um lado vejo sentido no que o senhor está falando, e por outro lado não. E esses lados sempre mudam. A vida é um fenômeno bipolar que...

Cristina - Pera aí: é o que?

Nestor - Alguém quer mais chá?

Rafael e Cristina - Não, obrigado(a).

Rafael e Cristina - Viu só, nós falamos juntos.

Rafael e Cristina - É mesmo.

Nestor - Acontece. Pode crer que acontece. Isso, riam. Expressem seu contentamento. Hoje eu cheguei do trabalho com vontade de dormir, mas depois que vesti esse meu falso roupão chinês estou me sentindo muito melhor. Dizem que o clima influencia o ambiente, ou é o ambiente que influi no clima, ou então os dois trabalham juntos, o que é mais provável. Só divide as coisas quem não as tem.

Rafael - Essa sua filosofia de almanaque é realmente muito engraçada. Hoje quando eu estava voltando da funerária eu vi um homem tentando atravessar a rua e pensei: aquele sujeito está arriscando a vida a troco de quase nada, entendeu? Porque nunca se sabe o que pode ter no outro lado da rua, ou do espelho, ou do oceano. Dá pra ver o mar da janela daqui?

Nestor - Não. Eu morava numa vaga na Bolívar de onde dava. Mas não adianta nada. Agora desde que mudei pra cá não. É estranho morar em vaga. Nada fica no lugar por muito tempo. A gente se acostuma logo, mas depois começa a achar desconcertante. Um dia eu entrei no banheiro e a pia tinha mudado de parede.

Cristina - Quando foi isso?

Nestor - Em 1986.

Cristina - Nunca conheci meu pai. Acho que não conheço minha mãe também, embora viva com ela há um tempão.

Cristina levanta-se e anda pelo ambiente, abrindo o círculo do chá.

Cristina - Sempre respirei o ar que me circunda. Mesmo antes de partir para cá, já tinha uma inversão de valores respeitável. Na praça da cidadezinha todo mundo me chamava de piranha. Inventaram até um enigma para mim: ?O que veio primeiro, a galinha ou a piranha? Resposta: Cristina.?

Rafael - Foi por isso que você saiu de lá?

Cristina - Saí porque engravidei meu namorado e a família dele não aceitou. Então engravidei uma garota e a família dela não aceitou.

Rafael - Sua família te expulsou de casa?

Cristina - Não, saí porque quis. Não tenho família. Só moro com minha mãe que não conheço até hoje.

Nestor - E como você se sente em relação a isso?

Cristina - Olha, sr. Carneiro, falando francamente, não tenho a menor idéia.

Rafael - O que aconteceu em 1986?

Nestor - 86 foi o presente em que as correntes se partiram, e a realidade apareceu nua e crua diante de nós. Todos os que estavam na calçada da praia viram o sol amarelo surgir. Nem a mais inocente criança ou o menor cachorro deixaram de perceber; Sabem o que era? Era a alvorada de um novo dia. Sabem o que era? Era o mistério eternamente renovado enquanto tiver pilha. Sentiu?

Rafael - É, Nestorzão, você tem cada uma de arrepiar os pentelhos.

Cristina ri.

Rafael - É, não é não? De arrepiar os pentelhos.

Cristina - Pode crer.

Rafael e Cristina trocam olhares.

Cristina - Seu Nestor... a gente pode ir lá para dentro?

Nestor - Claro que sim, fiquem à vontade.

Rafael e Cristina passam para o quarto.

RITUAL DE NESTOR SOZINHO

Nestor - A única garantia que a gente tem nesse planeta é a morte. A partir daí, encontrar uma ocupação para gerir a vida passa a ser uma solução simples, porque o problema é provisório por natureza. De certa forma invejo os que buscam desenfreadamente o prazer porque são inocentes, não têm consciência de nada. Esse é um estado feliz. O excesso de consciência sempre acaba deixando o sujeito chato. Todas essas dinastias desde o Egito ainda não se convenceram disso. A Prado Junior está calma hoje, pelo menos vista pela janela e vestida pela noite. O Cervantes já está meio em polvorosa, e os guardadores de carro pegam as flanelinhas na mão. Tudo se encara de cara lavada. O gato que passa rente ao meio-fio sempre

Na China pode

teve tino pra sarjeta, isso também desde o Egito Antigo. Oh, como estou ficando filosófico. É a solidão que leva o sujeito a esse estado espiritual. Também, o que se pode fazer enquanto os outros estão se dando bem.

Rafael e Cristina voltam.

Rafael - Ai, como é bom. Ninguém vai mudar isso.

Cristina - Nem aqui nem na China.

Rafael - É isso aí.

Cristina - Eu ouvi aí vagamente umas filosofias furadas. Era o senhor que estava falando?

Nestor - Era. Mico por mico, é melhor falar besteira do que ficar de boca calada. A situação é muito crítica demais para alguém sair vencendo. Graças à Copa acabou esse clima de guerra fria aqui em Copacabana.

Cristina - Você está muito desatualizado. A onda agora é outra.

Nestor - É que você ainda tá naquela de pensar que tudo passa.

Rafael - Gostaria de tomar mais um pouco de chá, por favor.

Rafael senta-se e Nestor serve-lhe chá. Cristina fica olhando pela janela e começa a cantarolar uma canção popular.

Esse clima se estende com calma.

Rafael - Pensei muito naquilo que o senhor falou sobre o 433. É uma grande verdade.

Nestor - Pode crer.

Cristina continua a cantarolar.

Cristina - Não sei porque que eu dou de graça: afinal de contas, sou uma garota de programa. Trabalho com computadores o dia inteiro. O ser humano na minha opinião é um simples operador. Agora eu preciso disso, agora não preciso. É preciso saber escolher, e é preciso saber se defender, dando voz ao que fala na gente. Quem sabe falar não tem o direito de ficar calado, a não ser que tenha muito dinheiro ou que não tenha nenhum.

Rafael - Tá bom, eu pago.

Dá-lhe algum dinheiro.

Cristina pega o dinheiro.

Cristina - Não precisava não mas muito obrigada.

Guarda o dinheiro na bolsa.

Cristina - Tou com vontade de encher a cara.

Nestor - Aceita uma xícara de chá?

Cristina - Aceito.

Nestor serve-lhe o chá. Estão os três novamente sentados para a cerimônia.

A canção era: ?não quero outra vida pescando no rio de jereré (de papo pro ar)?

Nestor - A filosofia oriental nada mais é do que o natural do corpo. A gente dorme deitado e quando acorda se levanta. E vai seguindo daí na sequência natural. Não há quem não entenda isso. Mas fica esse negócio de corrida para o futuro e ninguém consegue apreciar mais um bom filme. Aliás o que que tá passando ali ?

Texto digitalizado para o projeto BDTeatro da UFU.

Nestor olha pela janela.

Nestor (voltando) - Sei.

Cristina - Estou a fim de fazer alguma coisa, mas não sei o que é.

Rafael - E se a gente fosse lá pra dentro de novo?

Cristina - Talvez fosse uma boa.

Nestor - Pera aí. Agora é a minha vez.

Tira alguns dólares de um lugar e passa-os a Cristina.

Nestor - Tá certo?

Cristina - É, pode ser.

Nestor e Cristina vão lá para dentro.

Rafael pega um papel de cigarro e um pacotinho de fumo e enrola um cigarrinho.

Acende e fica fumando.

Cristina vem lá de dentro se ajeitando.

Cristina - Nossa. Tem cada idéia...

Cristina acaba de erguer a alça e abotoar a parte de cima.

Cristina - Imagina, quer fazer tudo rapidinho, passando pelos três lugares e do jeito que der. Não tem a mínima consideração comigo.

Rafael - É que na visão dele nesse caso os seus sentimentos não estão em questão. Você concorda de antemão por intermédio da grana.

Cristina - Isso é verdade. Mas uma coisa não tem nada a ver com a outra. Isso não é jeito de tratar as pessoas.

Rafael - Ele machucou você?

Cristina - Não. É uma questão moral.

Rafael - Sei.

Nestor vem inteiramente composto e calmo.

Nestor - Oi, como vão?

Cristina - Oi.

Rafael - Tudo legal.

Nestor toma seu lugar na almofada e serve-se um pouco de chá. Toma um gole bochechando.

Nestor - Nossa. Vocês pensam que é brincadeira? Essa garota é um vulcão. Aliás, três vulcões, para ser exato. Olhando assim não se tem idéia do que acontece ali quando a coisa chega perto, É uma intimidade de louco, e não admira que certos sujeitos fujam como loucos do casamento. É barra

pesada mesmo. Está sujeito a tudo. É como viver numa zona pedregosa. Sempre há risco de desabamento.

Rafael - Pobres operários que vivem em condições tão adversas à sua própria serenidade. Obrigados a vender seu tempo e sua força por algumas migalhas, eles se contentam em receber com atraso aquilo que lhes é devido e ainda aturam em casa as reclamações dos

Na China pode

familiares. Não, não lhes invejo a sorte. Estou muito bem onde estou, trabalhando com os mortos que não fazem barulho, e de vez em quando comendo a Cristina em troca de alguns trocados. É bom, é fácil, e é permanente. É muito mais garantido do que qualquer instituição institucional. Será que isso é falta de respeito?

Cristina - Nós não estamos na Barra nem no Cosme Velho. Aqui cada um pode dizer o que quiser e ninguém censura ninguém. O pior que pode sair é um tapa na cara. Todos nós somos muito oprimidos em nossas vidas cotidianas - Nestor na Caixa Economica, Rafael na agencia funerária e eu analisando sistemas - então quando chegamos em casa temos o direito de soltar os bichos. Se fossemos artistas ou qualquer coisa assim poderíamos fazer isso naturalmente ou até profissionalmente, mas do jeito que é só dá pra ser assim. Imagina se eu ia arranjar alguém pra se casar comigo naquela igreja em frente à praça 15. Nunca! Nem aqui nem na China.

Toca o interfone. Nestor vai atender.

Nestor - É o Akalaô. Disse que você marcou um jogo de ronda na casa do Silvito à meia-noite.

Rafael - É verdade. Fala pra ele que eu tou indo pra lá.

Nestor - Ó, ele tá indo pra lá.

O outro lado diz ?falô? e Nestor deixa o interfone.

Rafael - Cristina, eu quero que você saiba que de todas as quinze garotas que eu conheci você é a única que não finge que tem vergonha de fazer qualquer coisa. O tratamento moral que você dá às extremidades redondas de seu corpo é de causar inveja a qualquer moça direita cheia de subterfúgios. Sua desfaçatez em relação às chamadas funções naturais leva qualquer homem a sorrir espontaneamente, e isso será para sempre mal-compreendido pela sociedade organizada. Eu te saúdo. Adeus. Tchau, Nestor. Valeu.

Nestor - Quê isso, té mais.

Rafael - Tá.

Rafael sai.

Pausa.

Nestor - Vamos acabar com o restinho do chá?

Cristina - Vamos.

Tomam o restinho de chá.

Nestor se atira em cima de Cristina e a agarra.

Nestor - Agora pode ser aqui mesmo.

Cristina ri.

Nestor - E pode ser até de graça!

Cristina ri mais.

FIM

Junho 94

Mai 2004

